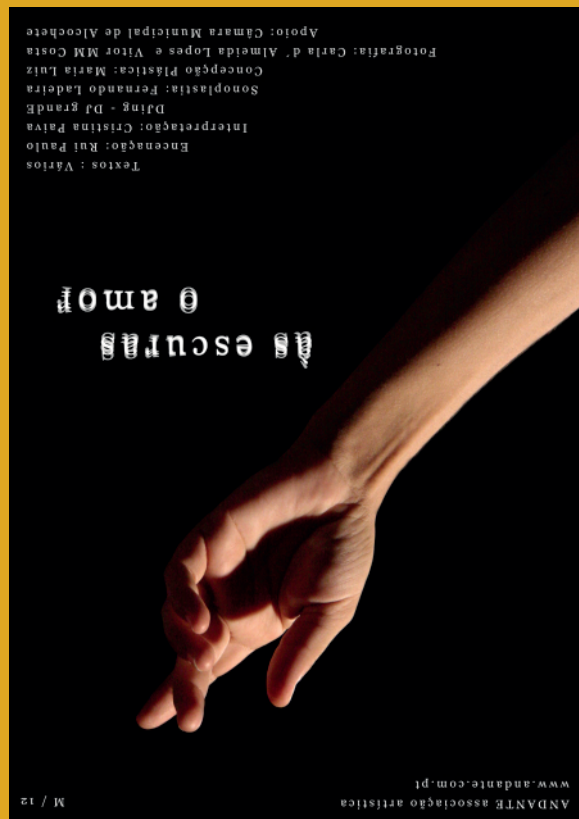


"O que é o Amor? Porque é que se sofre quando se ama? Porque é que gosto de me apaixonar? Será que "o outro" me quer? Bem me quer, mal me quer... Porque é que quando me apaixono perco a fome? Como é que eu lhe digo que me apaixonei? Se me apaixonar vai ser para sempre? Só me posso apaixonar por uma pessoa de cada vez? Gosto tanto daquele meu amigo. É isto, é amor?

Tantas perguntas. E as respostas? Todas dirão o mesmo: é um salto no abismo, uma passagem para o desconhecido, a porta que tememos e que não deixamos de abrir ainda que não saibamos o que nos espera."



Cerimónia de Entrega de Prémios
27 de Outubro de 2006 | 21h30m
Auditório da Junta de Freguesia
de Oliveira de Azeméis

concurso de poesia INHO GOMES



1º Lugar

Nome: Joana de Fátima Gonçalves Pita do Serrado
Pseudónimo: Santa Joana Princesa
S. João da Madeira

Os estatutos do amor

1. (Direito à possibilidade)

Que todo o abraço seja contundente como o teu olhar.
Que todo o olhar seja emergente como a tua palavra.
Que toda a palavra seja tão urgente como a tua mão
Nos meus cabelos.

2. (Direito ao Espaço e ao Tempo)

Que haja tempo em bloco e não ruptura de tempo.
Que minha ilha seja teu porto e teu porto nos seja santo.
Que a comunhão se faça tanto no beijo como no silêncio.

3. (Direito à Fecundidade)

Que do teu umbigo nasçam flores com seiva de primavera.
Que eu possa viver do seu perfume e sobreviver à sua acidez sem as desflorar.
Que o prazer não precise de extrema-unção mas que a unção do prazer seja extrema.

4. (Direito à perfeição)

Que a palavra “amor” nunca seja proferida em vão.
Que o amor venha já feito, perfeito e não por fazer.

2º Lugar

Nome: Filipe José Rodrigues Afonso
Pseudónimo: Vasco Viterbo
Gafanha da Nazaré

PERFIL DO EQUILÍBRIO PARA CHEGAR À-MAR

Ele tinha chegado àquilo que
Os geógrafos chamam de
Perfil do equilíbrio de um rio.
À curva matemática ideal,
Resultado de suficiente erosão,
Suficiente amor.
Soma das partes igual à mar.
Amar. À-mar.
Amor+amor=amor a dobrar.
Sim, chegará ao mar.

«Gostas de beijar?», perguntou.
«Que raio de pergunta é essa? Sim, gosto», disse
Então podes considerar-te beijado.

O rio corre sem esforço da nascente para a foz
Nele, estamos os dois de nós.
Ele deixa de cavar o seu leito.
Não fustigas mais o peito.

Mas, sobrevivendo algum movimento geológico,
Que eleve o peneplano,
Como a ilha de Caetano,
A altitude da nascente modifica-se.

As águas, turvas e impurars, misturam-se.
De novo, a água se agita...
Lágrimas devem ser choradas.
Penetra nos terrenos subjacentes.
No meu subconsciente.
Introduz-se, mina e cava.
Apaixona-te, desgraça-te, Filipe.

Às vezes, tratando-se de camadas calcárias,
Estalactites e estalagmites que se fecham autoritárias
E nos comem, tubarões.

Desenha-se, então, todo um novo relevo em concavo,
Quase invisível do planalto,
Mas complexo e atormentado de se seguir o curso da água.
Medo de beber água envenenada.
Ou ser comido por tainhas.

Passeias os pés na água transparente
Recolhes um pouco dessa água
E fazes um chá de chulé ou bedum.
Eu tenho profilaxia para morte por afogamento.

Prémio Revelação Juvenil

Nome: Inês Pinto Seixas
Pseudónimo: Margarida Silva
Braga

Ah! Se eu pudesse...

Ser a água que corre pelo regato
Ser a árvore que dá sombra aos fatigados
Ser a flor tenra nos dias de Primavera
Que depois é colhida pela mão suave de uma criança
Ser o fruto doce que alimenta as nossas almas
Ser o pássaro, que todos os dias me vem bater à janela sem preocupação
Ser chuva, ser o vento, ser o luar...

Tudo nesta vida eu queria ser,
Mas só posso ser imaginando, e basta!
Porque tudo aquilo que desejo faço-o por actos imaginários
Num dia triste de Outono,
Quando as folhas caem e estou em casa sem fazer nada,
Apenas imaginando o que podia eu ser!

3º Lugar

Nome: Maria Helena Vilela Carrega
Pseudónimo: Beatriz Lopes
Pombal

I

Hoje é dia de Todos os Santos,
o frio levantou-se cedo,
as nuvens formam castelos cinzentos
deslizando pela atmosfera
numa viagem de muitos destinos.

Algumas gotas de chuva salpicam as ruas
e o vento do Norte em fortes rajadas,
apressa o fim do Outono, desde a madrugada.

Na praceta junto ao mercado
respira-se um intenso cheiro a crisântemos,
as pessoas transportam-nos em ramos de cor branca,
escorregando dos braços como pequenas bolas de neve
clareando o luto do dia.

A saudade sobe devagar a encosta do castelo,
arfando de frio e de muita tristeza,
entra com pés de cetim em caminhos de desconhecidos reinos
e com lágrimas nos olhos,
abandona flores sobre pedras de silenciosos leitos.

A chuva começou a molhar a tarde
e o vento afasta os nossos passos para outros caminhos,
rasgando nos pensamentos
clareiras de princípio e de fim de tudo.

A vida cruza-se num cumprimento evasivo,
os protagonistas são actores de uma imaginária peça
onde cada um fingindo ser ele mesmo
luta, desesperadamente, contra o seu próprio destino.

Acordada pelo riso de uma criança,
fujo do misterioso mundo de ninguém.